

O
corpo
de
H.

AUTOR

Abel Correia

TÍTULO

O CORPO DE H.

EDIÇÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

Praça da Corujeira n.º 38 . 4300-144 PORTO

Tel: 220 939 053 · E-mail: geral@quanticaeditora.pt · www.quanticaeditora.pt

DISTRIBUIÇÃO

Booki – livraria e distribuidora técnica

Tel. 220 104 872 · Fax 220 104 871 · E-mail: info@booki.pt · www.booki.pt

REVISÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

DESIGN

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

IMPRESSÃO

Junho, 2024

DEPÓSITO LEGAL

532979/24



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós.

Copyright © 2024 | Todos os direitos reservados à Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por fotocópia ou qualquer outro meio, seja eletrónico, mecânico ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor e do Autor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

Este livro encontra-se em conformidade com o novo Acordo Ortográfico de 1990, respeitando as suas indicações genéricas e assumindo algumas opções específicas.

CDU

82 - Literatura

82-1 Poesia. Poemas. Versos

ISBN

Papel: 9789899177413

E-book: 9789899177420

Catálogo da publicação

Família: Literatura

Subfamília: Poesia

O corpo de H.

Abel Correia

I

1

Corpo de encontro nos sonhos de nuvens verdes, amarelas e vermelhas. Por aí se quedava, batendo forte em tambores e marimbas que ressoavam pelos vales e ruelas. E ainda pelas superfícies aquosas, onde o tocar delicado impulsionaria pinchos gigantes. No corpo o florescer na atitude de saliva, esperma e suor. Em cada segundo, uma viagem do nascer ao morrer. No envelhecimento o desvanecer das células da jornada, com ou sem divindades. Na rapidez do pensamento, o ficar absorto nas possibilidades e na profundidade. O que seria o corpo de H. nestes ecos gritados? A rasgar metros e metros, puras distâncias.

2

H. continuava no sonho e ela, no afago, beijou-o. O corpo distendia e purificava no desejo. Ardente os tremores, o reboiço de puras maquinacões, a pele suave, os trejeitos esguios. Olhares que não demoravam mais que o desafio, num toque o fugir encenado pela doçura. Os olhos pequenos, os lábios ardentes e o corpo fixando a inclinação. Ela prometera e H. não contava. Ela partia. Ele tingia tudo de verde e recortava cada flor que fíncava a sua independência na continuidade do monocromático. As flores sem princesa, as rosas a desbotarem impaciências e ele a querer a presença, um abraço de rendição. Se o contrário acontecesse não aumentariam os acontecimentos. Reapareceu e não acordava.

3

O espaço perdia fulgor. H. estava sem a sua presença, os músculos deixaram o arfar e pressentia-se o toque do quente e húmido. Repetições, apenas repetições. A cidade também se enlevava em ilusões. Fugitivos caminhavam pelos becos para que as estradas não os engolissem. Em cada esquina um ângulo novo não deixava o descanso medrar. E quando as passadas não serviam no retilíneo das construções, eles tiravam do bolso piruetas delicadas para avançarem nas novas geometrias. H. deitado baloiçava no trapézio. A arte circense nascia no seu corpo insurreto.

4

Voltara a cidade, fêmea prenhe de insinuações, de guetos sombrios construídos no pensamento e na procura. Estrangeiros procuravam as

suas amadas perdidas quando o barco adornou junto ao cais. Guiados, pelas delicadezas na memória, não precisavam de iluminação. Não desistiam. As almas estariam nos corpos mestiços que gingavam pelas calçadas. As chegadas eram tão descontínuadas que a cidade se tornara conhecida por um local de idas. Da cidade até os aviões de brincar partiam. O que não poderia acontecer era a imobilidade no amor. Controladores aéreos deslocavam dos quartos passageiros ávidos. Uma senhora espantou-se com a saliva que escorria.

5

H. desejava as cidades, voando entre cães, pássaros, senhoras, senhores e meninos. A cidade como um planalto de partidas universais, onde os corpos apenas dormitariam, para o além outros repousos. E se os aviões faltassem, chegariam naves intergalácticas e não haveria escassez que abrandasse as partidas. Um testemunho da vontade o crescente tráfico aéreo. Levantar e levantar, a melancolia que se incrustava na madorra.

6

Ela entendia, ele despercebia. Ela aparecia de outras cidades em naves engalanadas que aterravam na cama, no corpo, no momento. Juntos os corpos desapareciam. Uma vaga sensação de existência. Na união se extinguiu. Um corpo seria um não corpo. H. acordou e foi à casa de banho, um leve escorrer e o regresso, uma hora da manhã. Puxou o lençol e o édredon para o rosto, para que a mão segurasse a cabeça com firmeza e suavidade. Relembrou decisões, vieram pequenos detalhes toldados pelo pouco despertar, o corpo amolecido caminhava para o inexistente. Tudo deixaria de ser concreto e palpável. O corpo, noutra dimensão, conectar-se-ia por osmose e absorveria o iodo, manganésio, cálcio e outras necessidades, à medida do engenho da crença transformadora. O corpo sosseitaria. A energia circulava, renovava e juntava.

7

Com as decisões pensava que construía e fazia obra. O que seria o novo? O efeito dos pensamentos e a força do gesto? O que nasceria que não fosse outra história?

8

Adormecera na premência da volatilidade. Talvez a mulher fosse a cidade, feiticeira do desejo. O feminino não era o regaço. Formas fortes entre o encéfalo e as extremidades, a circulação de pesados sobressaltos. Essa crença o afastaria de outros corpos, daqueles que, pela semelhança, originariam o desagrado. O que seria o complemento e onde estaria a obra de divino? Na luta fratricida entre Abel e Caim ou em Madalena? A raiva erotizava a destruição. A mulher distante seria a outra metade, nem que fosse na pura mentira do enlace.

9

A noite organizada trazia no segundo sono novas aventuras. H. compunha o seu dormir. Nada de interrupções em meditações ou insônias. Tirava a régua e o esquadro para os sentimentos. Gostava de os ver como opcionais, longe de obrigações de sobrevivência.

10

O corpo não era o mesmo e a cidade paulatinamente se estranhava. O lento desfiar dos inícios, dos recomeços, o pegar a marcha. Solavancos que as palavras não compreendiam. O corpo imaginava um outro, um gêmeo serviria, uma imensa fraternidade. A robótica não seria precisa para a normalização, estavam condenados a mirar os outros. O ver, o fugir e o retornar, H. no cotidiano.

11

Um barulho repentino e abraçou-a. Um espelho ou complemento? O corpo a precisar de ampliar e florir. A beleza corporal numa ilha deserta. As multidões inventaram o erotismo, conquistando o que perdiam. No alvoroço da noite tornava o seu corpo uma posição. A montagem que fixava impunha engenharia a propósito. As peças, ou melhor os membros, a necessitarem de reentrâncias complementares. Assim H. crescia.

12

Não era certo que baloiçasse entre alternativas. Observava as coxas a afastarem-se das pernas para desenharem um ângulo de encaixe.



Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.
PORTO, 2024